

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com o Doclisboa: Cecilia Mangini
29 de Outubro de 2021

LA BRIGLIA SUL COLLO / 1974

um filme de Cecilia Mangini

Realização e argumento: Cecilia Mangini / **Fotografia:** Eugenio Bentivoglio / **Montagem:** Giuseppe Giacobino / **Música:** Egisto Macchi (não creditado) / **Produção:** Nuovi Schermi (Itália) / **Cópia:** em ficheiro, cor, versão original, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 15 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / **Primeira exibição na Cinemateca:** 10 e 21 de Outubro de 2013, Ciclo “Tesouros de Bolonha – Homenagem à Cineteca di Bologna”.

COMIZI D'AMORE '80 – PARTE 3 / 1982

um filme de Cecilia Mangini, Lino del Fra

Realização: Lino Del Fra / **Colaboração:** Cecilia Mangini / **Argumento e Documentação:** Cecilia Mangini, Lino Del Fra (assim creditados no genérico) / **Fotografia:** Giuseppe Pinori / **Imagem e Luz:** Bruno Mazza, Alessandro Greco / **Som:** Luigi Tassi / **Montagem:** Roberto Martini / **Música:** Billie Holiday, Gerald Marks, Seymour Simons / **Produção:** Radiotelevisione italiana (Itália) / **Direcção de Produção:** Aldredo di Santo, Adalberto Serafini / **Cópia:** em ficheiro, cor, versão original legendada electronicamente em português e inglês / **Duração:** 63 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / Primeira exibição na Cinemateca.

Duração total da projecção: 78 minutos

La Briglia sul Collo, último filme que Cecilia Mangini assina como realizadora no contexto cinematográfico, antes dos filmes que realizará em colaboração algumas décadas mais tarde (mostramos hoje o filme que coassina em 2003 com Mariangela Barbanente), centra-se numa única personagem, Fabio Spada. Seguindo a linha das curtas-metragens imediatamente anteriores, Mangini volta a recorrer ao formato da entrevista para desenvolver esta investigação cinematográfica, que rodou em apenas dois dias com uma câmara de 16mm, em torno da vida deste miúdo de sete anos considerado “inadaptado” no meio em que se insere, a “borgata” de San Basílico, um dos de Roma. Mangini filma Fabio Spada na escola, em casa, e a brincar com os amigos, mas entrevista sobretudo aqueles que o rodeiam: o director da escola, a psicóloga, os pais e uma vizinha. A introdução e conclusão cabem à voz da própria Mangini, cabendo as questões a Lino del Fra. Na simplicidade do seu dispositivo, **La Briglia sul Collo** revela claramente como a sociedade italiana não tem resposta para crianças como Fabio, cujo destino acaba por estar nas suas mãos de entidades e pessoas, elas sim desadequadas à realidade de Fabio (as respostas da psicóloga são particularmente aterradoras na sua simplificação da realidade). Com a mesma música de Egisto Macchi e o mesmo cartão desenhado do genérico final de **La Canta Delle Marane**, curta-metragem realizada por Mangini cerca de dez anos antes, **La Briglia sul Collo**

convida-nos a um “*flashback*” até este filme e ao seu magnífico retrato dos rapazes que brincam nos pântanos da borgata romana, rapazes um pouco mais velhos que Fabio, que Mangini filmou com uma beleza e energia raras no cinema.

A sessão prossegue com o terceiro episódio de **Comizi d’Amore ’80**, série creditada no genérico como sendo realizada por Lino Del Fra, mas que conta com a colaboração de Cecilia Mangini (no genérico do segundo e do terceiro episódio ambos são creditados como responsáveis pelo argumento e pela documentação). Já escrevemos nos últimos dois dias sobre a filiação assumida por este projecto face ao filme que Pasolini realizou em 1964, o primeiro **Comizi d’Amore**, será agora importante referir como estes três episódios se conjugam no seu retrato da sociedade italiana no que respeita à sexualidade, vida amorosa ou questões de género. Se o episódio de ontem terminava como um inquérito directo sobre a homossexualidade, em que se interrogava, primeiro no contexto dos trabalhadores de uma fábrica, e depois numa reunião de homossexuais, como eram vistas as questões da homossexualidade ou transsexualidade na sociedade italiana e no meio concreto dos entrevistados, esta terceira parte centra-se na questão do casamento ou da fidelidade conjugal, voltando-se ainda a temas como as relações sexuais e a intimidade, mas também a outras como o aborto e os métodos contraceptivos. No fundo aprofundam-se aqui alguns dos temas dos episódios anteriores, fazendo sobressair os contrastes da sociedade italiana e as extremas desigualdades entre homens e mulheres, em particular nas zonas mais conservadoras.

Comizi d’Amore ’80 aborda estas questões com seriedade, mas também com muito humor, que se manifesta particularmente neste episódio e no modo como são conduzidas as entrevistas por Lino Del Fra, que revelam a acutilância a que o cinema de Mangini e de Del Fra já nos habituou na sua visão comprometida e sempre questionadora da ordem das coisas. No que diz respeito a um tom mais humorístico deste episódio destacaremos a sequência do nudismo ou a da abordagem das relações extraconjugais no contexto da “relação de amor” entre um cavaleiro e a sua égua, que encontra o seu contraponto no modo sem rodeios como Del Fra questiona uma freira sobre como vive a sua feminilidade. E aqui, mais uma vez, voltamos à Sicília e à falta da liberdade das suas mulheres (questão já abordada no filme de Pasolini, que dificilmente as conseguiu entrevistar) e retomada no filme de hoje em que, face às respostas de muitos homens entrevistados, um deles não resiste a afirmar que “na Sicília são mais evoluídos do que as pessoas pensam.” Tudo termina com uma jovial pergunta a dois jovens que acabam de casar, cuja resposta é acompanhado pelo som das palmas. Momento que, na sua graciosidade, é bem revelador da militância e do fundo político do cinema de Mangini e Del Fra, que não é mais do que uma emanção da sua forma de estar no mundo. Cerca de dez anos depois de **La Briglia Sul Collo**, em **Comizi d’Amore ’80** o casal de cineastas volta assim a recorrer a uma herança de um “cinema directo”, aqui transposta para a televisão, para prosseguir o projecto que orienta toda a sua obra.

Joana Ascensão